

Os textos apresentados a seguir são reconstituições sintéticas dos depoimentos verbais proferidos pelos debatedores por ocasião do evento dedicado ao museu histórico e horto Osvaldo Cruz. Procuramos assegurar, nesse trabalho de edição, o melhor compromisso entre fidelidade ao conteúdo e economia da forma. O registro de tais depoimentos por gravação, assim como sua transcrição literal, encontram-se à disposição dos interessados nos arquivos do LEHC.

Dra. Jandira Lopes de Oliveira¹

Esse evento me fez lembrar muito de uma parte importante da minha própria vida. Acho que poucos historiadores tiveram a experiência que eu tive, de ser um Indiana Jones da descoberta de documentação. Vou contar um pouquinho dessa história, a história da criação do Museu Histórico no Butantan.

Eu sempre trabalhei com memória, com preservação de patrimônio cultural e foi por conta do Condephaat que vim para o

1 Diretora do Museu Emílio Ribas da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

Butantan. No Condephaat o historiador levanta toda a informação, que depois vai para um conselho onde é julgado se um bem deve ou não ser tombado. Era bastante jovem, inexperiente e me falaram para escrever qualquer coisa sobre o Butantan, pois era óbvio que iria ser tombado. Falei que até poderia escrever, mas iria à instituição para fazer pesquisa. Vim para a biblioteca, o lugar mais óbvio. Esperei um tempo e então acabei sendo conduzida ao o diretor. Falei com o Dr. Bruno Soeresen, que era uma figura muito típica daqui, muito excêntrica. Ele falou que tinha que vir para o Butantan e montar o Museu Histórico. Expliquei que era do Condephaat da Secretaria da Cultura e não tinha nada a ver com a Secretaria da Saúde e que só queria concluir o processo com algumas informações históricas.

O Condephaat, para mim e para muitos da minha geração, foi uma verdadeira escola. Acho que é no trabalho concreto do historiador que se aprende a especificidade da disciplina. Uma coisa é a teoria e outra é qual a realidade dessas instituições. Surgem vários questionamentos: “O que é o documento público?”, “O que é a visão da instituição pública com relação ao seu próprio documento?”, “Qual visão da instituição, no que diz respeito ao seu processo histórico?”. São questões muito claras na cabeça do historiador, mas que talvez não sejam tão claras nas demais áreas da ciência.

O papel fundamental que tem o arquivo, como reflexo da memória da instituição e como isso se reflete no hoje, inclusive nas trajetórias e na projeção de futuro, é fundamental. Isso é particularmente verdadeiro no caso do Butantan. Uma das instituições centenárias da Secretaria da Saúde, que tem uma razão de existir, cujos objetivos foram se adequando de acordo com o tempo. Hoje, o papel do historiador para a supervisão de trabalhos e a própria formulação da política de ciência da instituição é fundamental. É muito importante que vocês estejam atentos a isso. Não só no momento de um evento, mas como uma atividade constante. História não é tradição, não é a história do passado, é o que está se fazendo hoje. E o que está se fazendo hoje, tem que ser preservado pelos

funcionários, para a instituição. São os funcionários que indicam qual é a fonte de seu processo de trabalho. Os objetos de um acervo só têm significado no seu sentido de função social.

Eu vim parar aqui no Butantan por uma série de circunstâncias. Na época, todo mundo estava reivindicando concursos, que não aconteceram e todos se retiraram do Condephaat. Eu vim com essa equipe, que hoje está na USP. O Ulpiano Bezerra de Menezes, a Marlene Suano, que acho ainda ministra aulas na USP. O Júlio Abe que é museógrafo e faz toda essa parte de museografia. A Marlene com o projeto do Museu Histórico e nós à caça do tesouro. Aconteceram episódios muito engraçados: haviam me dito que o Dr. Hoge, que era meu amigo, estava escondendo uma coleção preciosíssima e o Museu Histórico não seria nada sem essa coleção. Eu pensei que não podia ser, porque ele estaria fazendo isso? Falei que ele estava me songando, que não era possível, ele era meu amigo e que eu estava lá para requisitar a coleção de ácaros para o Museu Histórico. Não sabia o que eram ácaros! Não sabia que era uma coleção de bichos vivos, mantidos em condições muito especiais e eu querendo levá-los para o Museu Histórico. O Dr. Hoge era a própria figura do cientista maluco, um sujeito alto, grande, com cavanhaque e que falava com um sotaque estrangeirado. Ele era gaúcho, mas descendente de belgas, não é? Quando perguntavam se ele era estrangeiro, ele falava bravo que não.

Montamos o Museu Histórico e o grande achado foi que nós percebemos que essa memória está na memória dos funcionários. O arquivo é o conjunto dos documentos produzidos e recebidos por uma instituição no decorrer de suas atividades. Algo que os arquivistas acham uma heresia: toda atividade meio administrativa tem uma tramitação regulamentada. A atividade fim, que é o grande subsídio para a memória, para a história, não tem uma tramitação regulamentada e, então, muitas vezes, não vai para o arquivo. Fica na gaveta do funcionário que, quando se aposenta, leva embora. E é até bom que ele leve para casa, porque, caso contrário, acabaria no lixo. Há funcionários que têm consciência, como o Dr. Mercadante,

que quando saiu do gabinete mandou toda a documentação para o Museu de Saúde Pública. Mas isso é realmente exceção à regra. Nesse trabalho de recuperação, temos que pesquisar não só como historiadores, mas como psicólogos, detetives, para podermos deslizar nas diferenças das personalidades e conseguirmos recuperar algo. Acho importante ter esse espírito de corpo, que o Butantan manteve. Normalmente, os funcionários daqui permanecem na instituição. Pensar que o trabalho que você está fazendo é um pedaço da sua existência. É um pedaço que dá sentido à sua vida. A memória de seu trabalho é a memória da sua vida.

Qual foi a minha grande emoção aqui? Quando fui ao almoxarifado. Não sei nem calcular a metragem, tinha mais de 10 metros quadrados, estantes triplas repletas de pacotes de documentos. O maior tesouro que eu já vi em termos de história. Estavam empacotados todos os manuscritos, cartas do Vital Brazil, relatórios, cartas expedidas. Era uma jóia. Mesmo sendo o Butantan um lugar muito grande, não existia lugar suficiente para guardar. No caso do arquivo, esse é o grande problema e por isso que o arquivo tem que ser vivo. Não tem como dimensionar, porque é cumulativo e vai crescer sempre. Daí a importância de criar um sistema de arquivos, com tabelas de temporalidade. Aquilo que tem guarda permanente, aquilo que pode ser descartado depois dos prazos prescricionais, jurídicos e administrativos. O historiador tem que dar essa orientação técnica para o tratamento do documento e do objeto histórico, mas quem vai definir a importância relativa de um documento são os funcionários, são todos vocês.

Como eu sou museóloga, tenho que escrever textos para exposições. O material tem que ser inteligível para uma criança de sete anos e o professor não deve achá-lo imbecil. A técnica que eu uso é a seguinte: eu penso que sou uma tábua rasa, não sei nada sobre o assunto. Como vou aprender? Como vou saber o que é um instituto? O que ele faz? Trabalhei assim na elaboração dos relatórios anuais — que eu não sei se continuam sendo feitos ou não — mas que são fundamentais. Deveriam ser guardados como jóia da casa,

já que são um objeto de estudo e de cronologia. Quem produz na área técnica? Quem produz na área de ciência? Quais foram as relações estabelecidas? Assim era feito o balanço de um ano. Tor-na-se um trabalho duro, chato, solitário e árduo. Informática é só o suporte, a pesquisa ainda é feita como sempre foi. O trabalho de preservação do patrimônio exige uma visão ampla, do outro, da ciência.

Na história do Butantan nos reportamos a Emílio Ribas, Adolfo Lutz e Vital Brazil. Foram figuras ímpares na História da Ciência do Brasil. Vital Brazil veio parar aqui para identificar o surto de peste bubônica em Santos e pegou a peste, quase morreu. Era assistente do Bacteriológico, nessa época, e já estava fazendo pesquisas sobre a especificidade do soro antiofídico. A peste era uma doença bíblica, carregada de preconceito e queriam produzir rapidamente a vacina, pois não dava mais para importar tudo da França. Compraram a Fazenda Butantan do fornecedor de leite da diretoria do Serviço Sanitário. Ele vendeu a fazenda, escolhida porque era longe e, no entanto, tinha ligação com o centro. No início, o Butantan era uma fazenda enorme que depois cedeu terras para a construção da USP. Por isso é interessante estudar a cronologia, porque daí toma-se medidas para defender a instituição. Mais do que a direção, quem vai preservar a instituição somos nós, funcionários. Obrigada.

Dra. Maria Amélia Mascarenhas Dantes²

Queria agradecer o convite do Prof. Henrique Moisés Canter para participar dessa seção. Como eu já estou há muito tempo participando dessas atividades ligadas ao Butantan, pelo vizinho Departamento de história da USP, venho trabalhando com História

2 Docente do Programa de Pós-graduação em História Social do Depto. de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

da Ciência no Brasil e sugiro a leitura de teses sobre esse tema, como o mestrado sobre a produção geográfica e geológica, das coleções. Temos absorvido na pós-graduação, várias pessoas ligadas ao Instituto Butantan, é o caso da Jandira Lopes de Oliveira aqui presente. Houve o projeto de 90 anos do Instituto Butantan do qual eu participei e que foi um concurso, uma pena que não tenha sido publicado, era excelente. Participei de concursos também, escolha de algumas historiadoras. Temos juntos muitos caminhos percorridos aqui e é muito bom estar voltando, até porque sou da várzea do Butantã. Eu moro na região e também sempre trabalhei aqui. Faço parte do espaço do Butantan e uma das coisas que ficou muito clara para mim pelos depoimentos é que o Butantan, além de ser um instituto de pesquisa, é um espaço público. Ocupa uma região importante de São Paulo.

Recentemente escrevi um artigo sobre os cem anos de ciência em São Paulo e encontrei cartões postais da cidade da década de 10, onde aparece o Butantan. O Instituto Butantan, nos anos 10, já era considerado uma passeio público, um local de visita para turistas, com cartões postais. Essa presença pública, em forma de passeio por São Paulo, existe até hoje. Que eu saiba, a área do Butantan, faz parte do circuito turístico do europeu. As pessoas vem para cá visitar e os museus daqui são muito visitados. Fico muito contente de ver isso, essa luta do Prof. Canter, desde os anos 70, batalhando pelo resgate da memória do Instituto Butantan. Fico muito contente em saber que vocês estão hoje com um projeto que, acredito, vai levar para frente esse resgate da memória.

Como havia falado, trabalho muito com ciência no Brasil e não só para vocês, na nossa área isso também foi uma luta. Quando eu comecei a trabalhar na década de 70, fazer História da Ciência no Brasil implicava no questionamento desse objeto de estudo. O que é isso? Existe esse estudo? A História da Ciência sempre foi mais a grande história... nós trabalhamos mais o Darwin do que os nossos cientistas. Se vocês olharem para qualquer livro de história das ciências, verão a questão da criação dessas grandes teorias.

Essa é a idéia que temos de história das ciências! Para nós tem sido uma grande conquista construir esse novo objeto que é a História da Ciência no Brasil. Isso não é uma conquista só nossa. Isso fez parte de uma grande mudança que aconteceu na área nos últimos 30 anos, a nível mundial.

Nossa produção em História da Ciência no Brasil está perfeitamente integrada com o que está acontecendo no mundo todo. Participei em 2001 de um congresso internacional de História da Ciência no México e ficou muito claro que a produção mundial na área é a mesma que fazemos aqui. É sobre os contextos nacionais. São historiadores de vários países trabalhando com a História da Ciência de seus próprios países, muito mais social, que vê a ciência como parte da sociedade e que pensa que a prática científica é uma parte da vida social. É uma história social da ciência e que está mudando completamente o panorama do desenvolvimento científico.

Atualmente, a disciplina não trabalha mais com a idéia das grandes teorias, mas a ciência como uma atividade que se desenvolve nos diferentes contextos. Hoje eu posso dizer que a área de História da Ciência é a área mais dinâmica da História e grande parte dos historiadores da ciência trabalham com ciência brasileira. Dos anos 80 para cá, mesmo com a produção toda, ainda tem muita coisa para ser feita. É só pensarmos a história do Butantan. É um século de história para ser destrinchada. Nos depoimentos, podemos ver períodos de crise, períodos de maior florescência, períodos em que determinadas áreas estão presentes e outros que não. Como entender esses processos historicamente? A história do Butantan é uma história riquíssima para a cidade de São Paulo e para a ciência no Brasil. Sendo assim, gostaria de dizer aqui da minha satisfação em ver o projeto que o Dr. Nelson Ibañez está liderando e ver que vocês estão trabalhando nessa linha de resgate das atividades antigas, resgatando a atuação do Horto e conquistando não apenas pesquisadores, mas funcionários para esse projeto. Acho que vocês terão que realizar depoimentos, não é? Um banco

de depoimentos e a documentação resgatada. Creio que é por aí. Hoje é um momento muito favorável, vocês devem saber. O CNPq está muito interessado na valorização da formação de acervos e incentivos à pesquisa na área de História da Ciência no Brasil. É bom juntarmos forças. Acho que aqui, em São Paulo, nós estamos um pouquinho atrás. Fico pensando no Rio de Janeiro, que tem um Casa Oswaldo Cruz, com uma revista consagrada e uma produção fantástica. Já têm 15 anos trabalhando na área de saúde e uma tradição. Aqui, em São Paulo, precisamos unir forças e trabalhar no sentido da preservação de arquivos, que é essencial, e de projetos para a construção da memória das várias instituições. Por isso mesmo queria dizer que nós da Universidade nos colocamos à disposição no que pudermos ajudar. Muito obrigada.